

Discriminação editorial em periódicos científicos internacionais¹

FABRÍCIO MONTEIRO NEVES, VERENA HITNER BARROS,
JOAQUIM PINHEIRO, THAMAR SOARES E VÍCTOR JUNQUEIRA

Grupo de pesquisa Tata: conhecimentos, ciências e tecnologias.
Universidade de Brasília.

Resumo

O artigo apresenta elementos discriminatórios do processo editorial identificados por pesquisadores que submeteram artigos para periódicos internacionais. Mostra o papel das hierarquias na prática editorial e as consequências desse preconceito para o ato de publicar de pesquisadores brasileiros. A pesquisa foi realizada desde 2019, com grupos de pesquisa cujo tema versava em torno do tema da Bioenergia, da Universidade de Brasília (UNB), da EMBRAPA agroenergia, e da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz (ESALQ/USP). Utilizaram-se entrevistas semiestruturadas e análises de conteúdo por meio do software de análise qualitativa NVIVO. Como resultado, os pesquisadores relatam o preconceito editorial em função da língua e da rede assimétrica de colaboração e, ao traçarem estratégias para contornar o preconceito, tendem a reforçar padrões editoriais hegemônicos do norte global.

Palavras-chave: Ciência; Preconceito Editorial; Hierarquias; Desigualdade; Assimetrias.

DOI: <https://doi.org/10.36888/udual.universidades.2022.95.690>

Discriminación editorial en periódicos científicos internacionales

Resumen

El artículo evidencia elementos discriminatorios en el proceso editorial identificados por investigadores que presentaron artículos en revistas internacionales. Muestra el papel de las jerarquías en la práctica editorial y las consecuencias de este prejuicio en las publicaciones de investigadores brasileños. La investigación fue realizada desde 2019, con grupos de investigación cuyo tema reflexionaba en torno al tema de la bioenergía, de la Universidad de Brasilia (UNB), de la EMBRAPA Agroenergía, y de la Escuela Superior de Agricultura Luiz de Queiroz (ESALQ/USP). Se utilizaron entrevistas semiestructuradas y análisis de contenido por medio del software de análisis cualitativo NVIVO. Como resultado, los investigadores relatan el prejuicio editorial en función de la lengua y de la red asimétrica de colaboración y, al trazar estrategias para superar el prejuicio, tienden a reforzar patrones editoriales hegemónicos del norte global.

Palabras clave: ciencia; prejuicio editorial; jerarquías; desigualdad; asimetrías.

Editorial discrimination in international scientific journals

Abstract

The article presents discriminatory elements of the publishing process that researchers who submit articles to international journals have identified: the role of hierarchies and the consequences of this prejudice for the Brazilians' editorial act. Research groups on Bioenergy, from the University of Brasilia (UNB), EMBRAPA Agroenergy, and the Luiz de Queiroz School of Agriculture, of the University of São Paulo (ESALQ/USP) have been carried out this study since 2019. Semi-structured interviews and content analysis were used through the NVIVO qualitative analysis software. As a result, we report publishing prejudice due to language and asymmetric collaboration networks and, when tracing strategies to counter prejudice, a tendency to reinforce hegemonic editorial patterns of the global north.

Keywords: research, development, innovation, polytechnics.

Introdução

O conhecimento científico requer divulgação e reconhecimento de uma coletividade científica em particular e de uma sociedade em geral para assentar sua legitimidade, como preconizam os preceitos da comunicação científica. Assim, a crítica de achados de pesquisa, a confirmação de análises e o reconhecimento da produção científica, devem ser realizados pelos pares com notório saber, mas também, e cada vez mais, é exigido que esse conhecimento seja compartilhado amplamente (Gibbons *et al.*, 2003). A coletividade restrita e especializada dos pares confere validade ao conhecimento científico, ao mesmo tempo em que sua expressão mais ampla lhe confere outras formas de validade, como tecnológica, econômica, política. Atualmente, grande parte do conhecimento científico validado por sua generalidade e impacto atrai atenção que transcende a própria coletividade científica (Lacey, 1999).

As realizações científicas, supõe-se, deveriam ser analisadas sem referência às características sociais que têm os cientistas, de modo que os atributos pessoais ou sociais não interfiram na avaliação objetiva do trabalho, como aponta Robert Merton (Merton, 1973). Em outro sentido, Crane (Crane, 1967) evidenciou em sua pesquisa que a posição de pesquisadoras e pesquisadores no campo acadêmico pode afetar a avaliação de seu trabalho científico a partir de critérios como filiação institucional, local de formação doutoral e idade profissional (tempo decorrido a partir da conclusão da formação doutoral). Esses elementos discriminantes apontados pela autora interferiram no processo editorial de um manuscrito em avaliação e foram pesquisados desde então pela sociologia da ciência como responsável por determinar os maiores ou menores chances de sucesso de uma submissão. Ocorreria assim um tipo de discriminação, a editorial, relativa a expectativas prévias consolidadas no sistema de avaliação com respeito à má ciência e boa ciência, ciência de centro e ciência de periferia (Neves, 2020; Pinheiro & Neves, 2022).

Este artigo aborda as práticas editoriais a partir das dimensões discriminatórias identificadas pelos pesquisadores concernentes a seus artigos submetidos para periódicos internacionais, todos funcionando por meio do padrão ouro de avaliação científica: a revisão por pares por duplo cego. Assim, busca-se investigar os elementos sociais identificados por tais pesquisadores que hierarquizam a ciência que é publicada, os quais, grosso modo, operariam como preconceitos institucionalizados. Além disso, o artigo aborda as consequências de tais preconceitos para o ato de publicar de pesquisadores brasileiros e as estratégias desses para contornar tais barreiras.

O artigo resulta da pesquisa empírica realizada desde 2019 com grupos de pesquisa da Universidade de Brasília (UNB), onde realizaram-se três entrevistas, em EMBRAPA agroenergia foram 9 en-

trevistas e na Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz (ESALQ/USP), em específico o Ph.D. Program in Bioenergy, foram 8 entrevistas. Identificaram-se os grupos a serem pesquisados por sua representatividade no Diretório de Grupos de Pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq)². Usamos o critério identificador, a palavra-chave “biotecnologia”, nos itens do Diretório “Nome do grupo”, “Nome da linha de pesquisa” e “Palavra-chave da linha de pesquisa”, indicando como “Setor de aplicação” o termo “Agricultura e pecuária”.

A partir desses dados, a pesquisa se utilizou como um conjunto de técnicas qualitativas que nos apresentou as expectativas e as práticas dos pesquisadores dos grupos, valendo-se principalmente de entrevistas semiestruturadas que versaram sobre: a escolha do objeto, métodos, técnicas e teoria; seleção de interlocutores legítimos; escolha dos veículos de divulgação (eventos e periódicos). Os dados foram gravados, transcritos e codificados para análise. A transcrição foi realizada na totalidade das gravações digitais, preservando as informações em seu contexto. Após esta fase, as transcrições, na forma de texto, foram organizadas no Programa N-VIVO, de análise qualitativa.

Para o artigo em tela realizamos a codificação do material tomando como referência a valorização hierárquica da ciência que apareceu na fala dos pesquisadores: Excelência científica/ inferioridade; Ciência de fronteira/ atraso; Relevância científica/ irrelevância; Impacto científico/ insignificância. À medida que avançava a codificação, acrescentamos outros sub-valores relacionados aos primeiros: escolha de objetos locais/ globais; técnicas locais/ globais; publicação em periódico nacional/ internacional. Com os textos todos codificados, realizaram-se buscas cruzadas cujo termo buscador estivesse relacionado ao ato de publicar: “revista”; “periódicos”, “publicação”, “artigo”, “submissão”, entre outros. Com base no material consolidado buscou-se identificar quais elementos foram mais citados como sustentação do preconceito editorial e quais foram as consequências para o ato de publicar dos pesquisadores.

O que se verificará à frente é que as pesquisadoras e pesquisadores identificam o preconceito editorial, principalmente, em função da língua e da rede assimétrica de colaboração. Ao traçarem estratégias para contornar o preconceito, contudo, tendem a reforçar padrões editoriais hegemônicos do norte global. O artigo é dividido em 2 sessões, além dessa introdutória, com a última ocupando a maior parte. Primeiramente, faz-se discussão teórica sobre as hierarquias na produção do conhecimento, seguida da apresentação da discussão dos resultados. Como conclusão, trazemos em síntese o debate realizado.

Hierarquias na produção do conhecimento científico

A ciência hoje é uma prática transnacional que constantemente reconhece novas práticas e objetos científicos fora de seus contextos tradicionais de produção. No entanto, ainda persiste a existência de práticas que hierarquizam e discriminam com base em critérios não científicos, em geral vinculados a padrões culturais e origem geográfica. Assim, ao lado de discriminações como agendas de pesquisa, teorias e métodos, verificam-se

também preconceitos étnico-raciais, de gênero e de origem geográfica. Em periódicos científicos, a discriminação editorial ocorre por meio de práticas que naturalizam a impossibilidade que determinada pessoa, país ou região tem de contribuir com o conhecimento científico - exatamente por conta de pré-julgamentos. Ou seja, considera-se que estão agindo sobre a avaliação determinadas expectativas consolidadas em torno dos centros “cognitivamente relevantes” e dos “irrelevantes”. Tais expectativas se reforçam em função também da desigualdade na ciência.

Genericamente, as desigualdades na produção de ciência e tecnologia são diferenças no acesso a recursos e oportunidades fomentadas por diferenças de grupos de pesquisa, gênero, raça, e status científico. Estas desigualdades afetam as possibilidades de acesso a recursos materiais e simbólicos necessários para se envolverem em atividades científicas e tecnológicas, principalmente aquelas relacionadas a avaliação da ciência e tecnologia. Mulheres, negros, e pessoas de estratos socioeconômicos mais baixos têm frequentemente menos oportunidades e menos acesso a tais recursos.

Xie (Xie, 2014) define as desigualdades na ciência como diferenças nos recursos, nos resultados da investigação e nas recompensas entre os cientistas. A desigualdade na ciência é influenciada por vários fatores, dentre eles o que se convencionou chamar de “efeito Mateus” (Merton, 1968), e de estrutura de mercado como “vencedor-tudo”: quem tem tende a ter mais e tende a impedir os outros de ter. Para Xie (2014), como a avaliação da ciência tornou-se mais “baseada em números”, a percepção da desigualdade também passou a ser mais aguda, o que impactou também na distribuição de recursos, tornando-a mais desigual.

As desigualdades, no sentido acima, têm consequências para processos científicos variados e, cada vez mais, tem-se dado atenção aos vieses orientadores da avaliação dos artigos, mesmo sob modelos de avaliação de duplo cego. Crane faz um dos debates mais clássicos nesse campo (Crane, 1967): a autora apresenta que a seleção de pesquisas pelas revistas científicas, embora seja de natureza complexa, é determinada pelos “gatekeepers”, ou seja, os editores das edições. Os poderes desses membros da coletividade são amplos, mas, para citar um, são eles que orientam o fluxo da ciência considerada “verdadeira”. Como resultado, Crane indica que as afiliações acadêmicas e os “laços pessoais” poderiam influenciar as avaliações, já que ocorreriam vieses em função da dinâmica de treinamento. Nesse caso, embora não seja somente a desigualdade de recursos o que influencia nas avaliações, ainda assim se pode dizer que tal desigualdade acaba por influenciar nas “afiliações acadêmicas” e nos “laços pessoais”, já que acarretam diferenças nos trânsitos acadêmicos.

Vieses na avaliação têm sido também relatados na literatura corrente sobre comunicação científica. Fala-se em preconceito editorial, o que envolve situações que afetam a decisão de aceitar um manuscrito, relacionando-as com a origem ou características dos autores. Isso inclui o “país ou continente de onde o artigo provém, a instituição acadêmica que o produz, uma história prévia de trabalhos publicados na revista, a participação em grandes grupos empresariais ou a língua materna dos autores” (Matias-Guiu & García-Ramos, 2011). Tais dimensões são difíceis de identificar, a despeito de suspeitas cada vez maiores sobre o sistema de revisão por pares. No entanto, a filiação institucional pode ser considerada um marcador equivalente a país e é bastante

identificada quando o assunto é circulação do conhecimento (Rodriguez Medina, 2013a), resolução de controvérsias (Collins & Pinch, 1998; Pinheiro & Neves, 2022) e revisão por pares (Matías-Guiu & García-Ramos, 2011; Nieminen & Isohanni, 1999).

Posto isso, pode-se dizer também que a linguagem opera como uma das principais barreiras para a circulação da ciência quando estão em jogo políticas editoriais. É comum se ouvir em seminários e simpósios internacionais que o “inglês ruim é a língua universal da ciência”, que tudo o que importa estaria escrito ou dito em inglês. A supremacia do inglês produz consequências para o próprio conhecimento científico. Estudos têm demonstrado que a exclusão de documentos por razões linguísticas pode produzir resultados diferentes dos obtidos quando todos os documentos são incluídos (Grégoire *et al.*, 1995). Para Grégoire *et al.* (1995), isso é ainda mais evidente quando se trata de estudos em jornais médicos, pois a exclusão linguística pode acarretar conclusões incorretas com implicações significativas para o cuidado dos pacientes. Cria-se com isso uma total ignorância do que é escrito em outras línguas, ao mesmo tempo que reforça padrões hierárquicos de boa e má ciência, hierarquia que passa a ser sustentada simplesmente por razões linguísticas.

Contudo, não se trata apenas da visibilidade da língua porque, embora não seja certamente fácil para as revistas não publicadas em inglês captar citações em publicações anglo-saxônicas, também é difícil ter acesso a estas citações quando se adota a língua inglesa para uma revista espanhola ou latino-americana, por exemplo, uma vez que os autores e leitores anglo-saxônicos não as lêem e, por conseguinte, também não as citam. Assim, a razão pela qual as revistas em espanhol são menos capazes de alcançar um impacto elevado não se deve provavelmente à língua em si, mas ao facto de não estarem incluídas em redes de autoria (Matías-Guiu & García-Ramos, 2011, pág. 3).

A produção de redes de autoria está estruturada pelas dimensões da desigualdade elencadas acima, a saber, “laços pessoais” e afiliações acadêmicas. Criam-se “redes assimétricas” (Rodriguez Medina, 2013) em todas as dimensões da comunicação científica: é mais provável que um pesquisador de alguma universidade norte americana falante em inglês tenha mais acesso não somente à língua inglesa “hegemônica”, mas também aos métodos e técnicas legitimados pelos grupos por onde circulou, e, finalmente, aos próprios pareceristas que seriam capazes de “reconhecer” quem escreveu o paper submetido; que pesquisadores de outros contextos científicos. Essa desigualdade de acesso também é elemento estruturador da condição de inferioridade que acomete parte dos cientistas considerados (ou que se consideram) da “periferia” da ciência (Neves, 2022).

Com isso queremos dizer que a desigualdade na ciência é também elemento estruturador da própria dinâmica de circulação do conhecimento, já que incide em processos essenciais da dinâmica editorial. Queremos dizer também que tal processo desigual faz parte da experiência de grande parte dos cientistas do “sul” que circulam pelos supostos “centros” da ciência (Pinheiro & Neves, 2022). Há uma percepção generalizada de não reconhecimento que acometem esses cientistas, levando-os muitas vezes a autoavaliações de

sua carreira e de seus próximos como se fossem inferiores por razões bibliográficas, não científicas, e no geral, em função do baixo impacto e aceitação de seus manuscritos.

Publish and perish

De início, cabe apresentar os resultados da pesquisa que se consolidaram a partir de sua inclusão no software NVIVO. Os grupos das instituições investigadas (UNB, EMBRAPA e BIOGEN) se aproximam nos temas de pesquisa agroambientais, em geral vinculados às áreas de ciências agrárias e ciências biológicas, o que nos forneceu um ponto de partida para a seleção dos grupos a serem pesquisados. São também instituições reconhecidas pelo impacto de suas pesquisas, por cursos de excelência e laboratórios bem estruturados nas áreas de pesquisa agroambientais. Identificaram-se os grupos a serem pesquisados neste projeto em pesquisa exploratória recente (2019-2020), presencialmente e via Diretório de Grupos de Pesquisa do CNPq utilizando-se a palavra-chave “biotecnologia”, nos itens do Diretório “Nome do grupo”, “Nome da linha de pesquisa” e “Palavra-chave da linha de pesquisa”, indicando como “Setor de aplicação” o termo “Agricultura e pecuária”.

As ciências e tecnologias voltadas para conhecimentos e inovação com base em recursos naturais no Brasil, em específico em bioenergia, oferece o cenário de vanguarda do desenvolvimento científico nacional (Bound, 2008; Schwartzman, 2015). Neste sentido, é útil observar o que passa no contexto de pesquisa em bioenergia para se ter um quadro relativamente representativo da ciência nacional, no que toca suas limitações e potencialidades, objetivas ou subjetivas. É neste contexto de pesquisa agroambiental que os problemas relativos à circulação da ciência se manifestam de maneira mais clara, por isso, é um espaço privilegiado para discutir questões atinentes ao preconceito editorial. Essa importância estaria presente no impacto que a área tem no portal da *web of Science*: o Brasil está entre os 5 países que mais publicam artigos indexados nessa base (pesquisa realizada com a chave bioenergy em 2020).

As características dos dados são como se segue: todos os interlocutores de pesquisa fizeram graduação no Brasil, 14 fizeram mestrado no Brasil e 13 o doutorado. Nesse cômputo está o caso de pessoas que fizeram mestrado nacional e internacional, que não fizeram mestrado e que fizeram doutorado sanduíche, por isso a divergência entre os números no quesito formação. A imensa maioria iniciou sua formação na década de 1990 (15 pessoas), o que nos conduz à juventude da amostra, que condiz com a expansão das universidades e centros de pesquisa entre 2002-2015 e com um aumento substancial nas publicações indexadas de autoras brasileiras. Importante também destacar que todos os entrevistados tiveram ou têm alguma rede internacional de pesquisa e que publicaram em periódicos estrangeiros em língua inglesa.

A partir da recorrência de categorias usadas para codificar, chegamos a alguns resultados a frente apresentados. No geral, os códigos mais recorrentes nos levam a afirmar que os pesquisadores narram ter experiências nacionais positivas (ocorrência: 81 vezes), em especial com infraestrutura e formação técnica—chegam a dizer, que suas experiências internacionais mostraram que a capacidade técnica brasileira é igual ou superior à que encontraram fora. Dizem

à sua vez que tiveram experiências internacionais positivas (ocorrência: 59 vezes) relacionadas a infraestrutura, mas também a financiamento e contexto de pesquisa. Ao lado desses códigos aparece a referência nacional negativa (ocorrência: 54 vezes), principalmente em relação a descontinuidade nas políticas de C&T, burocracia, financiamento e, para o que mais nos interessa, problemas com reconhecimento editorial internacional. Outros códigos relevantes referem-se à importância das redes internacionais (52 vezes), relacionadas principalmente à coautoria e “abertura de portas” em periódicos internacionais. Nesse caso, é importante relatar que a simetria hierárquica (51 vezes) que corresponde principalmente a igualar-se aos colegas estrangeiros em vários tópicos, cognitivos inclusive, foi recorrente, além da referência nacional ao objeto (48 vezes) que aqui estudam.

Por que publicar “fora”?

Nas entrevistas, encontramos diversas passagens com referência às práticas editoriais dos interlocutores. Buscamos elucidar I) quem publica; II) onde publicam; III) a relevância das publicações nacionais/internacionais; VI) quais obstáculos encontraram para publicarem suas pesquisas e VII) quais experiências editoriais foram mais relevantes em suas carreiras. Todas as autoras publicam internacionalmente, e somente algumas têm publicações nacionais. Há um claro direcionamento das autoras e autores entrevistados para a publicação de artigos resultantes de pesquisas em periódicos internacionais, envolvendo tanto a busca de fontes bibliográficas quanto de locais para publicar seus artigos. No geral, essa priorização se deve ao reduzido número, ou inexistência, de publicações com fator de impacto significativo ou alto nível de classificação editorial (incluindo Qualis/CAPES).

É, a busca por bibliografia, basicamente a gente vai para o *Web of Science* e o que cai lá, né? E tem muitas coisas publicadas em português que são boas, mas que só eu posso falar, só eu posso ver (por falar português). Então é uma pena, porque a gente pensa a dificuldade da língua, essa barreira da língua, você sabe muito bem disso, que nem tudo está lá na *Web of Science*. Eu faço essa busca lá, depois a gente vai fazendo busca assim, dissertações, algumas em universidades que a gente sabe que trabalham mais naquele tema, então a gente vai recorrendo a isso. (...) Bom por mais que digam que eu tenho que atender à sociedade brasileira, eu sou avaliada pelas minhas publicações. Aí entra o Qualis da CAPES. Então, em último, a gente sempre publica, tenta buscar uma revista A1 e revista A1 em nível nacional em português não existe (Pesquisadora EMBRAPA 1).

Aparecem com clareza as dificuldades da língua, tanto na oferta de textos por parte do acervo pesquisado (*Web of Science*), quanto da possibilidade de ser lida na própria língua. Concomitantemente, o padrão exigido pelo Qualis/CAPES é um direcionador dos interesses bibliográficos nacionais. Além disso, algumas instituições premiam internamente seus melhores pesquisadores, avaliados em função de seu desempenho editorial, incluindo a disputada bolsa de produtividade do CNPq.

Os parâmetros da CAPES são usados também para avaliar, então a gente vai escolher uma publicação... depende do resultado né? As vezes o resultado cabe numa revista Qualis A1, e a gente vai escolher uma publicação internacional Qualis A1. As vezes o resultado é mais, não é tão novo e aí publica numa revista de Qualis mais baixo. A gente olha o Qualis, né? Depende por que como a nossa unidade é avaliada por isso e nós funcionários somos avaliados por isso a gente vai sempre buscar publicar nas internacionais (pesquisadora EMBRAPA 2).

Eu sou pesquisador de produtividade do CNPq, eu me balizo, então, pelo CNPq e pela CAPES, assim como por conta dos programas de pós-graduação. Então é a priori, mas por que a priori? Porque eu já publiquei tanto em inglês quanto em português em periódico que não está nem na lista do Qualis. E nem da Thompson. Às vezes eu publico por divulgação do conhecimento mesmo, como se fosse um preprint na arquivix. Mas a priori minha condição é ser B2 ou superior. É a primeira coisa que eu vejo. E inclusive eu oriento isso para os meus alunos e para alguns colegas que tem mais perfil de professor do que de pesquisador (Pesquisador USP 1).

Tudo conflui para uma valorização da publicação internacional, incluindo a atitude de incentivo para que os futuros pesquisadores façam o mesmo. Essa tendência envolve pressupostos e valores que não poderiam ser discutidos aqui pelo reduzido espaço³, como a universalidade da ciência (Livingstone, 2010) e, portanto, de uma língua franca (Tardy, 2004) e neutra; também a simetria das relações, como se fôssemos capazes de “concorrer” com o “centro” da produção científica (Pinheiro & Neves, 2022; Rodriguez Medina, 2013b). Para nossos propósitos, ficou claro que a valorização das publicações internacionais se deve principalmente a incentivos institucionais, no sentido de acessar mais recursos de pesquisa. Tudo se articula no sentido de constituir uma institucionalidade na qual as políticas de incentivo à ciência e tecnologia estejam imbuídas dos valores acima, até porque ela é feita pela coletividade científica do país, com forte influência da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC).

Preconceito editorial

Ao identificarmos que está bem assentada a prática de publicar fora, influenciada por valores como os indicados na seção anterior, resta-nos discutir as dificuldades vivenciadas pelas pesquisadoras. Deve-se atentar para uma questão importante que ocorreu na pesquisa: todas as pesquisadoras e pesquisadores admitem preconceito contra brasileiros na avaliação de artigos, mas alguns estendem tal preconceito à América Latina e África. Além disso, dois pesquisadores, ambos de São Paulo, admitem que parte do preconceito é justificado em função de políticas de internacionalização que não selecionaram bem pesquisadores, e que, ao chegarem em seu destino, não “representaram” bem o país.

Então assim, por que eu estou falando isso? Os pesquisadores dos grandes centros, dos grandes países desenvolvidos tem preconceito contra nós de países não tão desenvolvidos? Sim, é um preconceito. Agora esse preconceito

que eles têm da gente é fruto de más experiências que eles tiveram? Quantas pessoas – agora vou falar de nós brasileiros – o Estado brasileiro mandou para o exterior que não tinha a menor condição de estar lá fazendo aquela pesquisa, estavam simplesmente usufruindo da bolsa, passeando? Muita gente foi assim, então esse preconceito existe. Eu senti, porém, eles são muito pragmáticos. Na medida em que você consegue corresponder à expectativa (...), eu vou dizer no meu caso, eu superei muito a expectativa que eles tinham, (...) uma vez um norueguês me perguntou se o português tinha língua escrita, se a gente conseguia escrever o português (Pesquisador USP 2).

O preconceito identificado, justificado ou não, é assim percebido pelos pesquisadores. A questão é como ele se manifestaria na dinâmica editorial. Muitos estudos foram feitos atribuindo o papel central desempenhado pela trajetória dos editores e editoras (Pinheiro & Neves, 2022), a instituição de origem dos autores e autoras (Collins & Pinch, 1998), e a revisão por pares (Matias-Guiu & García-Ramos, 2011) na dinâmica editorial⁴. Todos eles apareceram na pesquisa, e muitas vezes se traduzem em preconceito linguístico, institucional e regional.

O relato recorrente como prática de discriminação editorial é relacionado ao uso do inglês, idioma quase sempre exigido para a comunicação científica em periódicos internacionais. É preciso que se diga que a submissão de manuscritos para periódicos internacionais quase sempre recebe comentários de melhorias de redação, ocasionalmente relacionadas ao uso da norma culta do inglês. Nesse aspecto da dinâmica editorial, por várias vezes ser brasileiro, era um empecilho para a publicação internacional, como se o inglês fosse uma barreira utilizada como mecanismo de impedimento, e, em geral, de forma deliberada por parte dos editores, mas também como forma de vender serviços.

Assim, o *paper* estava bom, estava tudo bom, excelente e tal. Mas assim, sempre eles acham que o nosso inglês está ruim. Sempre, sempre! E eu falo, gente, não é possível, não tá. Eu fiz uma tese, fiz um pós doc (no exterior). E às vezes é só porque eles querem tirar um dinheirinho nosso para pagar o editorial deles. Às vezes têm uma insinuação de ‘olha, precisa passar por um editor de linguagem, de línguas, a gente têm esse serviço’. Às vezes, para publicar em revistas de alto impacto você tem que ceder porque o cara não quer ceder. E quando vêm a correção você fica abismado do dinheiro que você teve que pagar para corrigir nada. Porque eles trocam alguma meia dúzia de palavras e falam que corrigiu. Então isso dá uma frustração muito grande. Isso é só porque é brasileiro, ou colombiano. Brasileiro, você não é nem europeu, nem australiano, nem americano e nem inglês. Então você vai sofrer. E as vezes eu me recuso. (Falo) oh, foi feito um trabalho de revisão e pronto. E aí eles aceitam. Era muito descarada a ofensa. Então não era uma questão nem técnica, nem ética, nem da ciência que eu estava fazendo. Então na maioria das vezes eu bato o pé e falo que revisei várias vezes e pronto. Em geral não é esse o problema. É porque a gente é brasileiro mesmo. Se você não tiver colega de fora... então, se você tiver colega de fora a crítica é menor. Se você tiver grupos, coautores que são do exterior, você tem um pouco menos dessa crítica,

por experiência própria. Mas se for um grupo completamente de brasileiros, aí eles ficam mais ofendidos (pesquisadora USP 1).

O relato acima foi comum entre os participantes da pesquisa. Ele atenta para a questão da mercantilização da ciência com a proliferação de “serviços editoriais” em praticamente todos os grandes portais de publicação do mundo, principalmente em um contexto de redução do financiamento da ciência (Mirowski, 2018, 2019). Importante também destacar a questão das redes internacionais que agiriam como elementos facilitadores da publicação, como os que estreitariam os vínculos entre pesquisadores brasileiros e editores de revistas internacionais. Aqui também estaria um indício das assimetrias de poder na ciência: quanto mais perto do “centro”, no caso, linguisticamente, mais chances teria de publicar e, portanto, mais chance de participar no debate internacional (Medina & Baert, 2014).

Muitas vezes é natural que você busque alguns colaboradores no exterior e eles vão de fato auxiliar o seu trabalho. A gente forçadamente faz isso porque os artigos só com autores brasileiros às vezes têm mais dificuldades de publicação. FAPESP tem exigido a presença de colaboradores estrangeiros para aprovar projetos. Então é natural, quer dizer, acaba não sendo natural, mas a gente forçosamente busca colaboradores, muitas vezes para termos os projetos aprovados. Na minha opinião, trabalhos que não necessariamente precisariam, né? (de colaboradores estrangeiros). Lógico que eles acabam agregando bastante, mas a gente poderia desenvolver os trabalhos sem colaboradores estrangeiros. Mas a gente sabe muitas vezes que se você tiver um autor estrangeiro, mais reconhecido, pode até eventualmente facilitar uma publicação internacional, (mais) do que só um grupo de brasileiros (Pesquisadora USP 2).

A percepção da discriminação conduz à busca de colaboração estrangeira, como dito acima, de maneira “não natural”, ou seja, “forçadamente”. Em geral, os pesquisadores buscados são colegas do hemisfério norte, em específico, colegas da Europa e dos Estados Unidos. Assim, o sistema de crédito científico e, portanto, de reconhecimento, é influenciado pelo vício sistêmico de conceber pouco valor em autores não euro-americanos, por isso buscam colegas do norte global para colaborações, visando acessar no “centro” do sistema editorial dos periódicos mais reconhecidos. O preconceito editorial, assim, é um sistema que canaliza os créditos científicos em uma direção, do sul ao norte, reforçando hierarquias e consagrações por meio do controle editorial. Mais do que isso, a necessidade de co-autoria internacional reforça os padrões de desigualdade e os mecanismos de controle da ciência, em especial, controle editorial e de citações.

Finalmente, os nossos dados sugerem que, embora a representação de investigadores de alguns países amazônicos em artigos acadêmicos amazônicos tenha aumentado, os investigadores do mundo desenvolvido ainda estão sobre-representados como primeiros autores em publicações de alto impacto. Isto não deve ser necessariamente interpretado como uma tendência negativa, uma vez que, como acima mencionado, espera-se que os investigadores dos países amazônicos se dediquem a uma investigação geograficamente mais localizada que trate das priori-

dades nacionais, o que frequentemente leva a publicações em revistas de menor impacto (Ladle *et al.* 2012). Mesmo assim, podem existir barreiras linguísticas, culturais e práticas (cf. Dahdouh-Guebas *et al.* 2003), tornando menos provável que um cientista de um país amazônico assuma a liderança de um trabalho de colaboração. Além disso, há provas de que os artigos publicados por investigadores de instituições latino-americanas em revistas de alto impacto acumulam menos citações do que os artigos de autores afiliados a instituições europeias/norte-americanas ou artigos que resultam da colaboração (Malhado *et al.*, 2014).

Gostaríamos de ressaltar que essas distorções no sistema de publicação não devem ser atribuídas somente à questão de recursos de pesquisa ou a trajetória de consolidação dos “centros” hegemônicos. Nota-se, pelo lado das grandes editoras internacionais, vieses que intransigentemente reforçam-se nas práticas editoriais mais cotidianas (Pinheiro & Neves, 2022). Por outro lado, pesquisadores do “sul” global também agem reforçando a desigualdade tomando-a quase como natural, reproduzindo em seus contextos de pesquisa preconceitos contra si e contra seus colegas próximos pelo uso sem mediação dos sistemas métricos produzidos em outros contextos, como deixamos em evidência acima.

Estratégias de acesso

Falamos aqui em estratégias no sentido de que “uma situação hegemônica não significa simplesmente dominação, nem implica passividade” (Collyer *et al.*, 2019). Assim, tais pesquisadores compreendem e enfrentam as contradições e dificuldades encontradas, desenvolvendo estratégias de sobrevivência e transformação em contexto editorial hostil. Muitas são as estratégias indicadas para superar as dificuldades linguísticas e de localização. Uma estratégia utilizada para romper com esses obstáculos tem sido o lançamento de revistas nacionais, a mudança para o uso da língua inglesa ou a adoção de percentual em língua estrangeira⁵. Quando a questão era se havia revista relevante sobre o tema no Brasil, a maior parte dos interlocutores responderam afirmativamente. No entanto, havia por parte deles a percepção de que os custos de produzir artigo inevitavelmente levavam como primeira opção a submissão a periódicos estrangeiros, supostamente por trazerem retornos mais notáveis em termos de citações.

(...) tem periódicos no Brasil que são importantes, mas se a gente olhar a questão de números, é bem menor e muitos dos periódicos brasileiros estão lutando para ter seu fator de impacto aumentado, visibilidade aumentada. Então é aquela coisa, de uma maneira geral, quem busca realmente uma publicação lá fora, tem mais visibilidade. Não é porque não necessariamente existam boas revistas no Brasil, mas a visibilidade de muitas revistas brasileiras é pequena comparada a outras de fora. Essa visibilidade que você precisa ter lá fora, ela pode te ajudar a conseguir parceiros no exterior, isso é importante, em determinado momento da carreira é até fundamental que você consiga publicar lá fora (pesquisador EMBRAPA 1).

Outra estratégia, acima indicada, diz respeito aos parceiros no exterior. Nesse caso, busca-se a colaboração estrangeira para se criar um elo, como

já foi dito, com o contexto editorial almejado. Os relatos sobre tal estratégia se avolumaram. Uma pesquisadora informou um caso de uma pesquisa desenvolvida no Brasil e realizada por autores brasileiros. Ao fim da pesquisa, convidaram um pesquisador estrangeiro que, ao aceitar, fez alguns ajustes pontuais no texto. Ela contou que “se não tivesse o nome dessas pessoas eles simplesmente teriam sido negados” (Pesquisadora UNB 1). Relata que o andamento da revisão foi completamente atípico, já que a celeridade foi incomum em relação às suas experiências passadas de submissão.

(...) eu vou te dar um exemplo que está acontecendo agora. Eu submeti um artigo em maio ou junho em uma revista chamada *Fluid Phase Equilibria*, e eu o submeti como professor com quem eu tenho parceria de Portugal, um bam bam bam da área. (...) Pedi a ele para me ajudar, é um trabalho que não é com óleo de Palmas, é muito fora do que eu tenho estudado. Então escrevi o trabalho, eu e um aluno, e enviei para ele fazer um comentário, ou outro e a gente submeteu na *Fluid Phase*. Eu submeti e horas depois recebi um e-mail de que ele estava com o editor, pouco tempo depois estava com os revisores, exatamente um mês depois a gente recebeu a resposta, pediram uma revisão. Se eu não tivesse submetido com ele (professor estrangeiro) teria sido negado e teria sido tipo destruído, mas me falaram assim: “olha, por esse lado não dá para ir”, a gente respondeu, provou que o revisor estava errado, submeteu de novo e foi aceito (Pesquisadora UNB 1).

A questão é que paira sobre pesquisadoras do sul global desconfiança sobre o rigor científico, em parte também por certo receio de possuir infraestrutura adequada aos testes apresentados. Alguns pesquisadores indicaram que notaram preconceito editorial quando se deparou com exigências de mais testes laboratoriais e dados adicionais de pesquisa, comparando com outros artigos já publicados no mesmo periódico que iam na mesma direção, teve-se uma desproporção no grau de rigor exigido.

Eu não sei se seria algum estranhamento ou desconfiança, mas a exigência é maior, as exigências dos experimentos, que você faça mais coisas, que você comprove mais as coisas. (...) O meu marido é também professor e pesquisador, e recentemente ele enviou um artigo do que eu também sou co-autora, também o auxiliei, e era um artigo em que nós, numa análise crítica, víamos pontos falhos, mas como um dos colaboradores era uma pessoa bastante renomada internacionalmente, era um pesquisador norte-americano, ele falava para tentar revistas maiores, e que se fosse só os brasileiros nós não enviaríamos porque sabíamos que não ia. Mas acabou, a gente acha que pelo fato de estar como co-autor, há uma boa vontade de olhar com mais calma o artigo mesmo que falte alguns experimentos, e se fosse só brasileiro a exigência seria maior. Essa opinião não é só minha, mas de vários colegas, a gente já conversou várias vezes sobre isso, que a presença de autores estrangeiros facilita a publicação internacional porque as revistas tendem a não ser tão exigentes (Pesquisadora USP 3).

Uma pesquisadora brasileira, que atuou como revisora em um periódico internacional, relatou uma interessante experiência que indica bem os meandros da discriminação editorial. Ela analisou um manuscrito resultante de uma pesquisa realizada na África que, a seu ver, tinha sido bem conduzida

e apresentava resultados relevantes para o progresso do conhecimento na área de estudo, em especial, para o continente africano. No entanto, a despeito disso, o manuscrito foi rejeitado pelo periódico. A pesquisadora relatou que verificou os pareceres das demais pessoas que revisaram o manuscrito e identificou que as considerações para a rejeição do trabalho não entravam no mérito da pesquisa, não o contextualizava, mas somente na forma de apresentação dos dados. Para a pesquisadora, faltaria sensibilidade por parte de avaliadores e editores quanto às condições de produção científica de países do sul global, e, somente a partir dessa sensibilização é que os preconceitos editoriais poderiam ser reduzidos.

Eu acho que a excelência é quando você consegue pensar de uma forma mais transversal nas coisas. (...) Os trabalhos mais, assim, digamos, elegantes, que eu tenho acompanhado na minha área, são esses multidisciplinares, cada um entra com a sua contribuição. (...) Por exemplo, esses dias a gente recebeu um artigo da África para avaliar. Dentro das condições que eles têm, eles fizeram um trabalho excelente, com excelência. Mas aí a gente tem acesso aos pareceres dos outros, dos ad hoc, né? “Ah, eles usaram um gráfico muito antigo”, “não fez isso, não fez aquilo”. Mas para a gente que conhece a realidade africana (NA, a pesquisadora trabalhou lá), o cara fez trabalho de excelência e de importância para aquela região, porquê é que eu não posso publicar? Então a excelência não vem necessariamente de onde eu cheguei, mas de onde eu saí, (Pesquisadora UNB 1).

De fato, essas estratégias têm aumentado a presença de autores brasileiros em revistas internacionais, mas ao custo da manutenção das hierarquias editoriais, seja pelo padrão editorial “importado”, seja pela busca de parceiros internacionais, muitas vezes de forma “forçada”. No caso do julgamento da excelência, o reforço da hierarquia por parte das estratégias indicadas na pesquisa aqui apresentada dificultaria ainda mais o reconhecimento da excelência, posto que cristaliza padrões estranhos aos demais contextos científicos não euro-americanos. Nesse sentido, uma estratégia que poderia ser perseguida seria mudar nossa economia da atenção, no sentido fenomenológico indicado por Zerubavel (Zerubavel, 2006). Para isso, seria necessária a transformação da premiação e do sistema de crédito do atual mercado editorial do país, hoje tributário de padrões do norte global.

Considerações finais

O trabalho acima reforça a ideia de que a dinâmica editorial da ciência é estruturada segundo padrões hierárquicos de tipo centro e periferia, ainda que eles sejam da ordem das expectativas (Neves, 2014). Publicações científicas são frequentemente influenciadas pelo status e o poder dos pesquisadores. Aqueles com maior status na hierarquia científica, o que envolve a habilidade com o inglês e o pertencimento em instituições valorizadas, tendem a ter trabalhos publicados com maior frequência e facilidade. A desigualdade e hierarquia científica, como mostramos, pode levar a problemas de imparcialidade nos processos editoriais. Como foi relatado pelos pesquisadores ouvidos, aqueles que residem em contextos acadêmicos do

norte global tendem a ser tratados com mais generosidade e celeridade nos processos editoriais, enquanto aqueles residentes em contextos do sul global tendem a ser tratados de forma menos simétrica, em geral, com desconfiança.

Essa desconfiança repercute padrões hierárquicos presumidos de tipo centro e periferia, tomados como estruturantes da dinâmica científica mais ampla. Essa estrutura, subjetivamente construída, organiza as expectativas editoriais em torno da ideia de que o centro é onde a produção científica se concentra, com amplo acesso a recursos, infraestrutura e conexões internacionais, enquanto a periferia é onde os pesquisadores têm menos recursos e conexões, e seu trabalho é menos conhecido.

Essa presumida diferença tem um impacto significativo na forma como a ciência é publicada, pois, como mostramos, os pesquisadores da “periferia” relatam ter maior dificuldade em fazer chegar seu trabalho às revistas de maior prestígio. Ao mesmo tempo, a dinâmica editorial da ciência é afetada pela diferença de visibilidade entre centro e periferia: os pesquisadores do centro têm maior exposição ao público e seu trabalho tem maior probabilidade de ser citado, lido e discutido; enquanto isso, as pesquisas realizadas na periferia podem passar despercebidas ou ter menor visibilidade. Como consequência, pesquisadores da periferia podem ter dificuldade em obter reconhecimento e sucesso com suas publicações, mesmo quando elas são de qualidade superior. A existência de preconceitos editoriais pode exercer um papel contra a ciência na medida em que limita a inovação e a diversidade na pesquisa e no sistema editorial, negando espaço a ideias que vêm de contextos distintos daqueles de maior prestígio.

Notas

1. Este artigo é resultado do projeto de pesquisa “Valores científicos e práticas de internacionalização da pesquisa”, coordenado pelo professor Dr. Fabrício Neves—Departamento de Sociologia-Instituto de Ciências Sociais - Universidade de Brasília (UnB), e financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Distrito Federal-FAP/DF.
2. Acesso em <http://lattes.cnpq.br/web/dgp>.
3. Tenho chamado tais questões de “regime de administração da ignorância”. Para um debate sobre os elementos que compõem tal regime, ver (Neves, 2022)
4. Ver seção 2 desse artigo.
5. O Scielo, sistema latino-americano online gratuito e sem fins lucrativos de submissão de manuscritos, em 2020 apresentou novos critérios, política e procedimentos para a admissão e a permanência de periódicos na Coleção SciELO Brasil. As exigências em grande parte se resumiam a adoção de plataformas de pré-print e aprofundamento da internacionalização, resumido na exigência de publicação de um mínimo de artigos em língua estrangeira. O debate tem sido intenso, porque os custos editoriais aumentam para as já combatidas revistas publicadas em solo sul-americano, seja para tradução, seja para revisão da língua estrangeira.

Referências

- Bound, K. (2008). *Brazil: The natural knowledge economy*. Demos London.
- Collins, H. M. (Harry M.), & Pinch, T. (1998). *The golem: What you should know about science* (Second Canto edition). Cambridge University Press.
- Collyer, F., Connell, R., de Araujo Maia, J. L., Maia, J., & Morrell, R. (2019). *Knowledge and Global Power: Making New Sciences in the South*. Monash University Publishing. <https://books.google.com.br/books?id=vJ6bnQAACAAJ>
- Crane, D. (1967). The gatekeepers of science: Some factors affecting the selection of articles for scientific journals. *The American Sociologist*, 195–201.
- Gibbons, M., Limoges, C., Nowotny, H., & Schwartzman, S. (2003). *Scott, P., & Trow, M. (1994). The new production of knowledge*.
- Grégoire, G., Derderian, F., & Le Lorier, J. (1995). Selecting the language of the publications included in a meta-analysis: Is there a tower of babel bias? *The Potsdam International Consultation on Meta-Analysis*, 48(1), 159–163. [https://doi.org/10.1016/0895-4356\(94\)00098-B](https://doi.org/10.1016/0895-4356(94)00098-B)
- Lacey, H. (1999). *Is Science Value Free?: Values and Scientific Understanding* (Número 438). Routledge.
- Livingstone, D. N. (2010). Putting science in its place. Em *Putting Science in Its Place*. University of Chicago press.
- Malhado, A. C. M., de Azevedo, R. S. D., Todd, P. A., Santos, A. M. C., Fabrè, N. N., Batista, V. S., Aguiar, L. J. G., & Ladle, R. J. (2014). Geographic and Temporal Trends in Amazonian Knowledge Production. *Biotropica*, 46(1), 6–13. <https://doi.org/10.1111/btp.12079>
- Matías-Guiu, J., & García-Ramos, R. (2011). Editorial bias in scientific publications. *Neurología (English Edition)*, 26(1), 1–5. [https://doi.org/10.1016/S2173-5808\(11\)70001-3](https://doi.org/10.1016/S2173-5808(11)70001-3)
- Medina, L. R., & Baert, P. (2014). Local Chairs vs International Networks: The Beginning of the Scholarly Career in a Peripheral Academic Field. *International Journal of Politics, Culture, and Society*, 27, 93–114.
- Merton, R. K. (1968). The Matthew Effect in Science. *Science*, 159(3810), 56. <https://doi.org/10.1126/science.159.3810.56>
- Merton, R. K. (1973). *The sociology of science: Theoretical and empirical investigations*. University of Chicago press.
- Mirowski, P. (2018). The future(s) of open science. *Social Studies of Science*, 48(2), 171–203. <https://doi.org/10.1177/0306312718772086>
- Mirowski, P. (2019). Hell Is Truth Seen Too Late. *boundary 2*, 46(1), 1–53. <https://doi.org/10.1215/01903659-7271327>
- Neves, F. M. (2014). A contextualização da verdade ou como a ciência torna-se periférica. *Civitas - Revista de Ciências Sociais*, 14, 556–574.
- Neves, F. M. (2020). A periferização da ciência e os elementos do regime de administração da irrelevância. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 35.
- Neves, F. M. (2022). Some Elements of the Regime of Management of Irrelevance in Science. *East Asian Science, Technology and Society: An International Journal*, 16(1), 30–49. <https://doi.org/10.1080/18752160.2021.2013397>
- Nieminen, P., & Isohanni, M. (1999). Bias against European journals in medical publication databases. *The Lancet*, 353(9164), 1592.
- Pinheiro, J. A., & Neves, F. M. (2022). Política editorial e controvérsia científica em Estudos Agrários. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 37.
- Rodriguez Medina, L. (2013a). Objetos subordinantes: La tecnología epistémica para producir centros y periferias. *Revista mexicana de sociología*, 75, 7–28.
- Rodriguez Medina, L. (2013b). Objetos subordinantes: La tecnología epistémica para producir centros y periferias. *Revista mexicana de sociología*, 75(1), 7–28.
- Schwartzman, S. (2015). *Um espaço para a ciência—A formação da comunidade científica no Brasil*.
- Tardy, C. (2004). The role of English in scientific communication: Lingua franca or Tyrannosaurus rex? *Journal of English for academic purposes*, 3(3), 247–269.
- Xie, Y. (2014). “Undemocracy”: Inequalities in science. *Science*, 344(6186), 809–810.
- Zerubavel, E. (2006). *The elephant in the room: Silence and denial in everyday life*. Oxford University Press.